

Freyre e Freud: um ensaio (quase) psicanalítico da sociedade brasileira

Freyre and Freud: an (almost) psychoanalytical essay of brazilian society

Freyre y Freud: un ensayo (casi) psicoanalítico sobre la sociedad brasileña

Freyre et Freud: un essai (presque) psychanalytique de la société brésilienne

Arlindo Souza Neto¹

Resumo

NETO, Arlindo Souza. Freyre e Freud: um ensaio (quase) psicanalítico da sociedade brasileira. Rev. C&Trópico, v. 45, n. 1, p. 25-41, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/ctropicov45n1\(2021\)art2](https://doi.org/10.33148/ctropicov45n1(2021)art2)

Neste ensaio, a partir da ideia de “paisagem social brasileira”, cunhada por Gilberto Freyre, e da concepção de “desamparo” presente na obra Sigmund Freud, os autores desenvolvem algumas interpretações sociopsicanalíticas referentes à sociedade brasileira contemporânea. Como se trata de um ensaio, são realizadas algumas especulações interpretativas no que tange à formação social do Brasil e do “modo de ser brasileiro”, bem como dos mecanismos e arranjos sociais que, ao longo das décadas, foram estabelecidos na/pela sociedade e no/pelo psiquismo dos brasileiros, desembocando na civilização dos contrastes.

Palavras-chave: Freyre. Freud. Brasil. Sociedade. Psicanálise.

Abstract

NETO, Arlindo Souza. Freyre and Freud: an (almost) psychoanalytical essay of brazilian society. Rev. C&Trópico, v. 45, n. 1, p. 25-41, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/ctropicov45n1\(2021\)art2](https://doi.org/10.33148/ctropicov45n1(2021)art2)

In this essay, based on the idea of “Brazilian social landscape”, coined by Gilberto Freyre, and the concept of “helplessness” present in the work Sigmund Freud, the authors develop some socio-psychoanalytical interpretations referring to contemporary Brazilian society. As this is an essay, some interpretative speculations are made regarding the social formation of Brazil and the “way of being Brazilian”, as well as the mechanisms and social arrangements that over the decades have been established in/by society in/by the Brazilian psyche, leading to the civilization of contrasts.

Keywords: Freyre. Freud. Brazil. Society. Psychoanalysis.

1 Sociólogo, Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Realizou Pós-doutorado em Desenvolvimento Urbano pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE. Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre o conceito de sociedade na obra de Sigmund Freud. E-mail: arlindsociologo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8033-2504>

Resumen

NETO, Arlindo Souza. Freyre and Freud: an (almost) psychoanalytical essay of brazilian society. Rev. C&Trópico, v. 45, n. 1, p. 25-41, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1\(2021\)art2](https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1(2021)art2)

En este ensayo, basado en la idea de “paisaje social brasileño”, acuñada por Gilberto Freyre, y el concepto de “desamparo” presente en la obra de Sigmund Freud, los autores desarrollan algunas interpretaciones sociopsicoanalíticas sobre la sociedad brasileña contemporánea. Al tratarse de un ensayo, se realizan algunas especulaciones interpretativas sobre la formación social de Brasil y el “modo de ser brasileño”, así como los mecanismos y arreglos sociales que, a lo largo de las décadas, fueron establecidos en / por la sociedad y en / por la psique de los brasileños, conduciendo a la civilización de los contrastes.

Palabras clave: Freyre. Freud. Brasil. Sociedad. Psicoanálisis.

Résumé

NETO, Arlindo Souza. Freyre et Freud: un essai (presque) psychanalytique de la société brésilienne. Rev. C&Trópico, v. 45, n. 1, p. 25-41, 2020. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1\(2021\)art2](https://doi.org/10.33148/cetropicov45n1(2021)art2)

Dans cet essai, basé sur l'idée de «paysage social brésilien», inventée par Gilberto Freyre, et le concept «d'impuissance» présent dans l'œuvre Sigmund Freud, les auteurs développent des interprétations socio-psychanalytiques faisant référence à la société brésilienne contemporaine. Comme il s'agit d'un essai, certaines spéculations interprétatives sont faites concernant la formation sociale du Brésil et la «façon d'être brésilien», ainsi que les mécanismes et les arrangements sociaux qui au fil des décennies ont été établis dans/par la société et/par le Brésil. psychisme, conduisant à la civilisation des contrastes.

Mots-clés: Freyre. Freud. Brésil. Société. Psychanalyse.

1. Introdução

Diante da limitação do espaço de mais ou menos duas dúzias de páginas, este ensaio apresenta um punhado de coordenadas analíticas para o estudo da sociedade brasileira à luz de duas perspectivas interpretativas. A primeira consiste na concepção de “paisagem social brasileira”, presente na obra de Gilberto Freyre², especificamente em *Casa-Grande & Senzala* (1933), e em *Sobrados e Mucambos* (1936); e a segunda, no conceito de “desamparo”, presente na obra de Sigmund Freud³.

Com o diálogo entre essas duas perspectivas analíticas pensaremos a relação entre sociedade e subjetividade⁴ na composição da “paisagem social brasileira” contemporânea, a fim de propormos uma leitura (quase) psicanalítica do Brasil.

Nas obras de Freyre, a formação social do Brasil foi descrita predominantemente a partir de dois sistemas: (1) o patriarcado rural, analisado pelo autor em *Casa-Grande & Senzala*; e, (2) o desenvolvimento do urbano, em *Sobrados e Mucambos*. Esses dois sistemas possuem características sociais e urbanísticas⁵ próprias, em que as edificações decorrentes desses sistemas refletem os valores e crenças sociais de suas épocas. A vida social e a construção do espaço estão intimamente ligadas, como assertivamente destacou Mitscherlich (1970), ao dizer que a maneira como damos forma ao ambiente que nos cerca é uma expressão do que somos interiormente.

As cidades são constituídas social e subjetivamente por uma série de valores, práticas e concepções do período histórico ao qual fazem parte. É pela arquitetura que os fatores sociais e subjetivos de uma sociedade se materializam. O que propomos é realizar um exercício ensaístico de pensar a sociedade brasileira, e como esta pode ser entendida a partir de uma dimensão subjetiva.

Nesse sentido, argumentaremos aqui que a “paisagem social brasileira” é composta essencialmente por dois paradigmas: (1) *as casas-grandes e senzalas*, típicas dos séculos dezessete e dezoito; e, (2) *os sobrados e mucambos*, do século dezenove e vinte. Esses dois paradigmas ilustram, de certa forma, o desenvolvimento da sociedade brasileira do final do século dezessete até o início do século vinte. Nossa hipótese de trabalho parte desses dois paradigmas para propor um terceiro: (3) *os condomínios fechados e as favelas*.

2 Gilberto Freyre, sociólogo e antropólogo recifense, teve sua extensa produção traduzida para vários idiomas. Freyre é um dos cientistas sociais brasileiros que mais obteve reconhecimento internacional pela originalidade de sua obra. Muitas vezes associada aos estudos das relações raciais no Brasil, ela vai além dessa dimensão. Um de seus principais interesses consistia justamente em perceber as relações entre *espaço e subjetividade*. Para Freyre era fundamental compreender o fenômeno urbano no Brasil, o qual, naquele momento, estava se desenvolvendo – vide *Sobrados e Mucambos*.

3 Sigmund Freud, médico e criador da psicanálise, mudou radicalmente os estudos psicológicos do século 20, ofereceu ao mundo uma nova perspectiva de compreensão da natureza humana. A partir da psicanálise, que se propõe a ser teoria, método e ciência, Freud desenvolveu todo um aparato teórico-metodológico que ainda mantém seu potencial analítico.

4 O termo *subjetividade* é entendido aqui em sentido psicanalítico, ou seja, consiste no modo como é organizado e caracterizado o psiquismo humano, conforme foi descrito por Lúcia Leitão (2014).

5 Embora seja frequentemente utilizado como sinônimo de urbano, o termo *urbanístico*, neste ensaio, refere-se exclusivamente à expressão material da cidade, à sua configuração física e arquitetônica. Essa compreensão vai além do sentido do termo *urbano* utilizado por Gilberto Freyre, que o entendia como o modo de vida definido como aquele que se diferencia radicalmente do viver no campo.

Segundo nossa interpretação, o modo de edificar reflete muito da subjetividade moderna e dos modos de como os indivíduos veem a si mesmos e aos outros. A “paisagem social brasileira” do final do século vinte ao momento atual é em grande parte formada por condomínios fechados e favelas⁶. Essa constituição, em sentido subjetivo, é muito similar com os outros dois paradigmas citados, mesmo que urbanisticamente tenham suas particularidades⁷. Vale, então, questionarmos se existe ou não uma subjetividade coletiva no modo de conceber os espaços na sociedade brasileira. Será que se mudam as formas, mas os conteúdos psíquicos que caracterizam os brasileiros e o Brasil permanecem, mesmo que de modo latente, atuando na constituição da paisagem social? É o que tentaremos responder.

Neste ensaio, buscaremos desconstruir a pseudo inutilidade que se estabeleceu ao redor das análises freyriana e freudiana. Especialmente, no que se refere à análise da sociedade brasileira contemporânea, bem como o receio das ciências sociais, de modo geral, de dialogar com a psicanálise. De tal modo, argumentamos que, embora a sociedade brasileira em sua totalidade não seja mais patriarcal, latifundiária e escravocrata, ela ainda mantém as estruturas psicossociológicas motrizes dessas características. Em sentido Freudiano, podemos dizer que a psique dos brasileiros é embasada em estruturas históricas, caracterizadas pela violência, pela desigualdade e pelo patriarcalismo do século retrasado. E mesmo que os sistemas econômico e político tenham mudado, o desejo de dominação e controle do outro ainda permanece, seja em sentido simbólico ou literal.

2. Freyre, Freud e a Psicanálise

Freyre e Freud estão na lista dos principais autores do século 20. Eles estão entre aqueles que os franceses denominam de *incontournable*. É impossível estudar Ciências Sociais e Humanas, sobretudo teoria social, e não esbarrar em suas obras.

Sigmund Freud, inventor de uma infinidade de conceitos, propôs uma disciplina científica, a psicanálise: uma teoria geral da psique humana capaz de explicar o funcionamento da mente. A análise da psique elaborada por Freud mudou radicalmente a maneira como a ciência da época compreendia a humanidade. Freud ajudou a constituir um posicionamento teórico que questionou as atitudes e ações humanas como meros arranjos psicológicos subjacentes. Embora existam diversas críticas à abordagem psicanalítica, o que nos interessa da obra freudiana é mais sua potencialidade heurística de analisar fenômenos sociais e menos seu valor terapêutico.

6 Vale destacar o nosso cuidado com as generalizações aqui apresentadas. Propomos este ensaio, justamente, para identificar as rupturas e continuidades da “paisagem social brasileira contemporânea”. As generalizações dar-se-iam não como dominância, mas como ocorrências de um fenômeno que se repete ainda que de modo diverso tanto no Nordeste como no Sul, e nas demais regiões do Brasil. Assim, não queremos dizer que se encontre um modelo igual, repetido, em todas as edificações, mas, sim, um mesmo modo de conceber e vivenciar o espaço edificado na sociedade brasileira. Vide Lúcia Leitão (2009).

7 Essa interpretação advém sobretudo dos estudos e escritos de Lúcia Leitão, mas também derivam de uma pesquisa de pós-doutorado, vinculada ao Nusarq, desenvolvida por Arlindo Souza Neto. A pesquisa, entre outras etapas, mapeia fontes bibliográficas, históricas e da imprensa, e, igualmente, a partir de entrevistas com estudiosos da temática, desenvolve um banco de dados, a fim de produzir uma síntese contemporânea dos modos subjetivos de conceber e vivenciar o espaço edificado no Brasil.

A teoria psicanalítica pode contribuir para a compreensão de um estado de coisas que perduram por gerações, e que podem explicar os contextos sociopolíticos atuais na América Latina, em especial no Brasil. De alguma forma, os brasileiros conciliam paradoxalmente o peso de um passado sofrido, consequência de uma violenta colonização, com um desejo de futuro promissor, que muitas vezes paralisa e dissemina a ideia de um Brasil que sempre está por vir⁸.

Em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (2006 [1901]), Freud argumenta que para compreender a história de qualquer nação, é preciso antes de tudo levar em conta os mecanismos pelos quais as lembranças dolorosas de um povo são esquecidas. As sociedades humanas são capazes de apagar toda uma memória social penosa, tendo como “justificativa” o estabelecimento de um sentimento nacional deleitante. A teoria psicanalítica freudiana pode ajudar na compreensão de um “dilema da sociedade brasileira”: a crença na possibilidade de um futuro glorioso constituído com as práticas do passado, ou, ainda, o porquê do esvaziamento da memória social tão característico da sociedade brasileira. Sabemos que uma nação não se deita no divã, essa não é nossa intenção, mas é certo que a psicanálise tem algo a evidenciar sobre os elementos “ocultos” e que se fazem presentes no imaginário particular de qualquer nação.

Por sua vez, Freyre não foi um inventor de conceitos, com exceção do “lusotropicalismo”⁹. Ele foi sobretudo um escritor que tinha no Brasil sua maior inspiração. O que encontramos em seus escritos são propostas de interpretações de longo alcance: Freyre concebeu um Brasil, escreveu sua própria versão.

Há tempos, outras versões ganharam destaque, e o Brasil se tornou “Brasis”. A nação do futuro, tão desejada pelos intelectuais do século 20, ao que tudo indica, ainda não chegou. Mas, apesar de todas as críticas, o Brasil de Freyre ainda é todo passado?

É possível dizer que Freyre teve como um de seus objetivos principais esboçar uma compreensão da psique do brasileiro. Entender como a sociedade brasileira foi constituída em sentido ontológico e como esse “modo de ser brasileiro” se desenvolveu a partir das estruturas fundantes de nosso país, forjadas há mais de 500 anos. Em última instância, Freyre buscou a gênese do presente no passado. Esse passado não apenas como a decorrência sucessiva de fatos históricos, mas um passado constituinte de modos de agir, pensar, comunicar, viver, comer, sentir, ou seja, de um ser que deseja. Mais que isso, Freyre arriscou um esboço explicativo, a partir da família patriarcal do século 19, para “diagnosticar” porque o Brasil é como é. Nada de acasos e imponderáveis. A sociedade brasileira é como é, graças à disseminação de violências, sadismos, complexos e perversões.

8 Evidentemente, as interpretações das marcas do colonialismo não se restringem à América Latina. Nela, as marcas podem se apresentar em estados extremos. Contudo, é certo que nas sociedades pós-modernas a violência está quase sempre presente em seu modo simbólico. Ela apresenta-se como um mal-estar na cultura contemporânea.

9 O “lusotropicalismo” foi um conceito abrangente, desenvolvido por Freyre, sobre a relação de Portugal com os trópicos, daí o termo ser derivado da junção das palavras “lusitano” e “tropical”. Freyre partiu da concepção de que os portugueses foram os responsáveis pela primeira civilização moderna nos trópicos, graças à uma capacidade adaptativa e à empatia inata. Devido à uma plasticidade social intrínseca dos portugueses, o Brasil foi colonizado de modo miscigenado, o que permitiu, segundo Freyre, a interpenetração de culturas, e, conseqüentemente, o surgimento da singular sociedade brasileira.

Sabemos que Freyre leu Freud, mas apenas o citou explicitamente em *Casa-grande & Senzala* (FREYRE, 2006, p. 462) uma única vez, ao caracterizar o que denominou de “sadismo brasileiro”. Mas, de modo geral, Freyre aparentava ter alguma intimidade com a teoria psicanalítica, demonstrando que lia os principais escritos sobre o assunto, quando em *Sobrados e Mucambos* (FREYRE, 2004, p. 99), por exemplo, “desdenha”, de modo velado, da recente publicação de Luís Martins, ao afirmar que se tratavam de “páginas inteligentes, ainda que algumas um tanto prejudicadas pelo exagero de doutrina dentro da qual as escreveu - a doutrina psicanalítica.” De todo modo, Freyre nunca poupou críticas nem se furtou em expor suas opiniões, também não foi adepto a cultivar discípulos, para ele, se sentir um mestre já era o bastante.

A escolha pelas obras de Freyre se justifica pela riqueza de detalhes, especialmente, no que se refere à repercussão sócio urbanística da negação do espaço público, graças à primazia da casa, na configuração espacial contemporânea das cidades brasileiras¹⁰. Nesse sentido, entender como os aspectos da vida social são elementos fundantes na construção do espaço social e coletivo, é também entender como e em que medida nós nos reconhecemos como seres sociais¹¹.

Segundo Leitão (2009), a cidade desempenha uma função psíquica de natureza substitutiva e, como tal, é parte importante na constituição da subjetividade. Nesse sentido, há que se refletir sobre o modo como edificamos a sociedade – e como dela nos apropriamos. Nos períodos históricos analisados por Freyre, o contexto socioantropológico estava relacionado às famílias patriarcais e suas estruturas de funcionamento um tanto fechadas em si, onde as relações sociais se desenrolavam em torno das casas-grandes e das senzalas. Mais adiante, Freyre descreve a decadência desse sistema patriarcal rural e o início do desenvolvimento urbano, no final do século dezenove. A partir de então, a centralidade da “paisagem social brasileira” passa a ser a urbana, dos sobrados e dos mucambos, onde a organização das cidades começou a ser central na vida social, repercutindo, conseqüentemente, no modo como se organiza o psiquismo humano na vida em sociedade¹².

10 A escolha por Gilberto Freyre se justifica pela riqueza de detalhes sobre a arquitetura e o urbanismo do Brasil patriarcal ao longo da sua obra, e não por minimizar a importância de outros autores que se debruçaram, com muito brilho, sobre a formação da sociedade brasileira. Evidentemente que os trabalhos de outros pesquisadores são igualmente relevantes - vide os de Nestor Reis Filho, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr, Raimundo Faoro, Paulo Prado, Roberto DaMatta apenas para citar alguns.

11 Outra justificativa relevante e que não nos furtaremos em citar, consiste na geopolítica do conhecimento, como bem demonstram Burke e Pallares-Burke ao analisar a obra de Freyre a partir de sua recepção fora do Brasil, a qual ganha a marca de “literatura para estrangeiro ler”; como um autor latino-americano de língua portuguesa, Freyre foi muitas vezes negligenciado. Burke e Pallares-Burke descrevem assertivamente no trecho que segue como a geopolítica do conhecimento influenciou na divulgação das obras Freyre: “Um dos argumentos centrais deste livro é que as histórias de narrativa histórica - aquelas que enfatizam contribuições do “centro” ou, em outras palavras, da Europa e da América do Norte -, precisam ser redesenhadas de modo a incluir o trabalho pioneiro desse talentoso sociólogo-historiador da periferia. No entanto, ter sido um pioneiro em abordagens que são hoje aceitáveis ou, até mesmo, ortodoxas não é a única razão, nem mesmo a melhor razão, para que se leia hoje o herege de outros tempos. Algumas de suas ideias são mais chocantes atualmente que quando ele as apresentou pela primeira vez. Outras não foram adotadas, ou adotadas e depois abandonadas. Mesmo assim, ainda podemos aprender com elas.” (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009: 26.)

12 Segundo Leitão (2009), a cidade desempenha uma função psíquica de natureza substitutiva e, como tal,

Um novo modelo de paisagem social está vivo, definindo lógicas sociais, econômicas, políticas e subjetivas. A violência, por exemplo, a priori, pode ser considerada como um importante fator que contribui para o atual estilo de desenvolvimento urbano brasileiro. Nesse aspecto, se nas reflexões de Freyre, em *Casa-grande & Senzala*, a família patriarcal e suas estruturas sociais eram o mote para as relações sociais, e já em *Sobrados & Mucambos* a lógica social era organizada pela decadência da sociedade patriarcal e rural, é apropriado perguntar qual o contexto e quais as causas da atual “paisagem social” da sociedade brasileira. Seriam os *condomínios* e as *favelas* o desdobramento das *casas-grandes* e das *senzalas*, dos *sobrados* e dos *mucambos*?

O conceito de desamparo presente na teoria psicanalítica freudiana talvez nos ajude a tentar responder a essa questão. A ideia de desamparo consiste na concepção de que todos os seres humanos independente de sua origem de classe, cor, gênero ou nacionalidade, ao nascer, compartilham uma experiência estruturante da subjetividade psíquica humana: a noção de desamparo.

De modo geral, o desamparo é uma experiência. Através dela, os seres humanos singularizam-se, descobrem sua finitude e a contingência de suas vidas. O desamparo se estrutura na descoberta de um sentimento de incapacidade, na qual, sozinho, o indivíduo não conseguirá encontrar uma alternativa para abrandar ou sublimar essa experiência.

Diante dessa descrição não seria inconveniente tentar costurar a ideia de que o brasileiro em sua origem, enquanto nação colonizada, habitada por povos que abandonaram suas origens, experienciaram o desamparo, tanto em sentido freudiano, como também um desamparo material. De toda forma, aqui nos deteremos analiticamente no sentido do desamparo psíquico.

Como dizíamos, as primeiras gerações de brasileiros herdaram ontologicamente, pelo menos em sentido narrativo, a ideia do desamparo, ou seja, aquele ou aquela que abandona sua “origem”, seu estado natural, e, portanto, abandona um tempo onde “tudo era bom” para ir viver uma vida singular em um lugar que não é o seu. Pois bem, tal experiência suscita duas consequências imediatas e não excludentes: (1) o desenvolvimento de uma subjetividade aberta, ou seja, uma subjetividade aberta à alteridade; mas, ao mesmo tempo, (2) uma subjetividade narcísico-identitária, na qual o passado tem mais valor em detrimento do presente vivido.

De tal modo, os imigrantes e seus primeiros descendentes, “desterrados” ao desembarcar no Brasil, viviam a experiência da perda da autonomia que acreditavam ter. Como um animal retirado de seu habitat natural, os primeiros estrangeiros que no Brasil chegaram, e os primeiros que no Brasil nasceram, cultivaram psiquicamente a narrativa de seus pais, colonizadores “desterrados” que logo se viram colonos.

Esses primeiros brasileiros tiveram suas experiências estruturantes baseadas no desamparo. Como já bem colocou o psicanalista italiano radicado no Brasil, Contardo Calligaris, em *Hello Brasil! e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira*, publicado originalmente no final dos anos de 1980, ao pontuar uma concepção simbólica sutil observada entre os brasileiros: a ideia de *colono e colonizador*. Segundo

é parte importante na constituição da subjetividade. Nesse sentido, há que se refletir sobre o modo como edificamos a cidade dos homens – e como dela nos apropriamos.

Calligaris (2017), os brasileiros seriam ao mesmo tempo colonos e colonizadores, ou seja, desertados na própria terra em busca de colonizá-la. Não é estranho o Brasil ser conhecido como o “país do futuro”. Um Brasil que ainda está por vir, por ser “descoberto”, por ser “inventado”¹³.

3. Freyre, Freud e o Brasil

As análises freyrianas da sociedade brasileira podem ter os problemas levantados pelos seus comentadores. Mas, uma coisa é certa: Freyre acertou quando disse que à energia do sangue, que imprime os traços característicos de um povo, também há uma força primitiva e misteriosa, capaz de enlaçar aqueles que convivem juntos, encadeando o ritmo da organização social brasileira.

Segundo nossa interpretação, a sociedade brasileira contemporânea é constituída por um dilema psíquico nacional. Os brasileiros experimentam o desamparado em seu próprio país, desejam uma nova nação, um futuro mítico e mágico, o qual será o redentor de todos os males, e promissor de todas as benesses.

A nação brasileira incorporou o desejo por um “pai” bondoso e generoso que fará todos os gostos e mimos possíveis e impossíveis para satisfazê-lo. A busca por algo que cumpra a função psíquica de “pai” não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, mas tipicamente sul-americano, basta observar o caudilhismo e as personagens das últimas décadas. Não é de se estranhar que as narrativas à lá “Antônio Conselheiro” ou a volta de “Dom Sebastião” estejam ainda presentes em alguns meios.

Enquanto coletividade, a sociedade brasileira foi constituída psiquicamente por elementos ontológicos herdados da colonização: por um passado de violência e incivilidades. Mesmo após transcorridos mais de 500 anos, o Brasil ainda apresenta em sua identificação psíquica enquanto sociedade as mesmas forças que estavam presentes no início de sua fundação. Com isso, não queremos dizer que a violência e a incivilidade sejam inatas aos brasileiros, jamais. Contudo, esses elementos são as motrizes das relações sociais. É regra inicial que a sociedade legitime ações e comportamentos incivilizados. Em suma, o Brasil não foi constituído para ser um país democrático por natureza.

Uma análise psicanalítica da sociedade brasileira, ou do modo de ser brasileiro, é uma análise da intimidade, da vida doméstica, das crenças, dos símbolos e significados íntimos que constituem o cotidiano de viver e ser brasileiro em sociedade. Para Freyre é na rotina social, tendo a Casa-grande como continuidade social, que o caráter de um povo se expressa, “o estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana.” (FREYRE, 2006, p. 44).

13 Alguns trabalhos sobre esta temática já foram publicados e merecem destaque. Aqui citamos dois: O Elogio do vira-lata e outros ensaios, de Eduardo Giannetti, publicado 2018; e, Autoimperialismo: três ensaios sobre o Brasil, de Benjamin Moser, publicado em 2016. Em ambos escritos, os autores criticam a visão costumeira que se tem sobre a sociedade brasileira, no que tange à desigualdade, à corrupção e à ideia de uma nação do futuro. Cada um a sua maneira, argumenta que para compreender o Brasil é necessário entender como e o quanto da colonização foi importante na constituição da concepção vigente de país e o que significa ser brasileiro contemporaneamente.

Freud em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (2006 [1901]), igualmente elegeu o cotidiano como objeto de análise. Aqui, encontramos o principal ponto de contato entre Freyre e Freud: ambos demonstraram a importância do ordinário, meio pelo qual todos sentem, expressam-se, comunicam e compartilham, mas que revela estruturas e mecanismos a muito presentes e originários dos indivíduos e sociedades contemporâneas. Freyre evidencia este aspecto assertivamente na seguinte passagem, ainda no prefácio de *Casa-grande & Senzala*:

Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros - nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. (FREYRE, 2006, p. 45).

Com lucidez, Freyre compreende que por meio de “uma aventura de sensibilidade” conseguiria atingir o âmago da discussão que se propôs fazer: penetrar a intimidade do passado para entender o presente. A compreensão freudiana da psicanálise, em última instância, não está distante dessa compreensão freyriana da pesquisa sociológica.

Freyre foi buscar nas histórias cotidianas, nos jornais da época, nas estórias de famílias, nas anedotas, nos livros de receitas, na literatura de então, nas religiões cristãs com seus confessionários, procissões, promessas e crenças, nas religiões de matriz africana com sua musicalidade, culinária e cores. Foi pelos “sentidos” que Freyre escolheu acessar o passado íntimo da sociedade brasileira.

O humano só pode ser compreendido pelo humano – até onde pode ser compreendido; e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade. Pois tratando-se de passado humano, há que se deixar espaço para a dúvida e até para o mistério [...]. (Freyre, 2004: 41).

Freyre intuiu que a exterioridade do povo brasileiro é do modo que é, por causa de sua interioridade constituinte. Segundo ele, os brasileiros seriam caracterizados como um povo de uma psique mista porque a mistura de culturas e povos que para cá vieram resultou numa amalgama sociocultural singular. Freyre não deixou de notar também como um certo tipo de paisagem social era capaz de influenciar na constituição de determinado tipo social de homem:

O sobrado, mais europeu, formando um tipo, o mucambo, mais africano ou indígena, formando outro tipo social de homem. E a rua, a praça, a festa de igreja, o mercado, a escola, o carnaval,

todas essas facilidades de comunicação entre as classes e de cruzamento entre as raças, foram atenuando os antagonismos de classe e de raça e formando uma média, um meio-termo, uma contemporização mestiçamente brasileira de estilos de vida, de padrões de cultura e de expressão física e psicológica de povo. (FREYRE, 2004, p. 35).

A sociedade brasileira, segundo o psicanalista Contardo Calligaris, em decorrência de sua colonização, tornou-se o modelo por excelência de uma “sociedade moderna”, na qual “[...] o que importa não é onde e como nasci, mas como consigo me distinguir.” (CALLIGARIS, 2017, p. 262.). A sociedade brasileira é marcadamente centrada na imagem psíquica, portanto, subjetiva, do colono: aquele que precisa ter e fazer para ser. Diferentemente do colonizador, o colono não nasceu em berço esplendido, mas busca tê-lo às custas da riqueza obtida de modo obscuro - vide a escravidão e a corrupção presentes na vida social brasileira. A ascensão social do colono possui a mesma lógica do mundo moderno: a incessante procura por riqueza (seja ela material ou simbólica) e a paixão pelo novo. Ambas as características da modernidade gerariam, segundo Calligaris, instabilidade simbólica, democrática e das relações interpessoais. Essas relações tornam-se fluidas e o dilema de todos contra todos impera.

A mera semelhança com o atual momento brasileiro não é mera coincidência. A destruição das instituições democráticas, o desmatamento da Amazônia, o descaso com os incêndios no Pantanal, com a saúde e o Corona Vírus, e, evidentemente, o descaso com a educação, são reflexos de uma subjetividade colonizada: onde o novo estará sempre disponível para ser “descoberto” pelo colonizador e o “outro” estará disponível para ser colonizado.

O Brasil não é o único país a ter colonos com “cabeça” de colonizadores, mas, de certo, é o principal. Sociedade singular já apontada por Freyre na década de 1930, no Brasil, a modernidade se apresenta como uma nova “organização psíquica”. Trata-se de uma subjetividade histórica, mas também contingencial, ou seja, contexto histórico mais o momento histórico estavam (a colonização do Brasil) e estão (o enfraquecimento das instituições democráticas) alinhados. Esse cenário evidencia o velho dilema brasileiro: um país que nunca foi, e que tenta se inventar com as armas do passado, ou seja, “aquele que deseja, mas não age, engendra pestilência”, como escreveu William Blake. Em termos psíquicos, a sociedade brasileira continua praticamente a mesma.

A sociedade brasileira, ainda que constituída por um “sistema democrático”, possui no cotidiano acontecimentos dignos do século 18 ou 19. Talvez a pulsão de morte colocada por Freud surja vez ou outra na sociedade brasileira como resquício incontestável de um passado não tão distante, um passado filogenético que ainda vive nos corpos e almas dos brasileiros, como um vírus a espreitar o melhor momento para atacar quando o sistema imunológico vacila.

A história social do Brasil está repleta de “pseudo-heróis”, aqueles que cumpriam a identificação do imaginário sentimental e místico dos brasileiros: que busca

por um tutor, um homem providencial e paternal, capaz de proezas morais, econômicas e políticas inimagináveis, ausente no restante da sociedade. Mas que no fundo não eram nada mais que projeções egoicas. Exemplos não faltam: Dom Pedro, Getúlio Vargas, Fernando Collor de Mello, Luiz Inácio Lula da Silva, Sérgio Moro e, mais recentemente, Jair Messias Bolsonaro. Vide a passagem freyriana que segue, embora um pouco extensa, ilustra assertivamente o que estamos descrevendo:

Como família patriarcal, ou poder tutelar, porém a energia da família está quase extinta no Brasil; e sua missão bem ou mal cumprida. Suas sobrevivências terão, porém, vida longa e talvez eterna não tanto na paisagem quanto no caráter e na própria vida política do brasileiro. O patriarcal tende a prolongar-se no paternal, no paternalista, no culto sentimental ou místico do pai ainda identificado, entre nós, com as imagens de homem protetor, de homem providencial, de homem necessário ao governo geral da sociedade; o tutelar – que inclui a figura da mãe de família – tende a manifestar-se também no culto, igualmente sentimental e místico, da Mãe, identificada pelo brasileiro com imagens de pessoas ou instituições protetoras: Maria, mãe de Deus e senhora dos homens; a igreja; a madrinha; a mãe – figuras que frequentemente intervêm na vida política ou administrativa do país, para protegerem, a seu modo, filhos, afilhados e genros. (FREYRE, 2004, p. 78.)

Como visto, Freyre também destacou a figura da “mãe de família”. Não seria estranho destacarmos dois exemplos desse *maternalismo* citado por ele, vide a configuração que ganhou no imaginário brasileiro a figura da princesa Isabel e, mais recentemente, a figura da ex-presidente Dilma Rousseff apresentada pelo seu partido como a “mãe do PAC” e do Brasil.

Dentre as características desse sistema é possível encontrar o domínio por vezes do “homem sádico” no exercício do poder ou do mando, como aparece em *Sobrados e Mucambos*. Diante do cenário político tortuoso que vive o Brasil desde sua Independência, os brasileiros vivenciam, segundo Freyre, inspirado em Freud, um “sadismo brasileiro”, ou seja, a ideia de uma perversão caracterizada pela obtenção de prazer com a humilhação ou sofrimento alheio. Nas palavras do próprio Freud:

A verdade, porém, é que nós [elite branca] é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e moleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe

que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa-grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio. (FREYRE, 2006, p. 462.)

Os brasileiros seriam sádicos porque se satisfazem quando tudo “dá errado”. É como um “carma” que insiste em se mostrar no imaginário da sociedade, e quando, porventura, as coisas desandam é comum ouvirmos: “aqui é o Brasil”. As ilusões, as fantasias e as decepções vividas pela sociedade brasileira são as principais características da psique do colono que não se furta a bradar que “este país não presta”, que é preciso “inventar-se” outro. Esquizofrenicamente, as coisas não dão certo no Brasil porque elas foram constituídas para não darem, ou seja, nenhuma sociedade onde a psique é embasada na violência, no desrespeito, na injustiça, no sentimento de não pertencimento pode usar da “pulsão de vida” a seu favor. A “pulsão de morte” estará ali, sempre a expiar, e ao menor vacilo, ela se torna a força social propulsora de cenários obscuros e difíceis de explicar que só “acontecem no Brasil”.

O “sadismo brasileiro” freyriano a lá Freud pode ser observado empiricamente” na relação sádica que a família Bolsonaro estabeleceu com grande parcela da população brasileira. Como uma família tipicamente sádica, a família Bolsonaro, e em especial Jair Bolsonaro, responde à uma demanda básica da sociedade: como ser brasileiro? Todo cidadão, seja de qual país for, precisa de modelos identificatórios, como já descreveu Freud. O cerne da questão consiste em entender quais características são consideradas para essa identificação. Alguns psicanalistas, como Calligaris (2017), argumentam que a colonização, ou o status de colônia, transformou o Brasil num filho desgarrado, em que a perversão e o sadismo imperam, sem a supervisão de um “pai”.

Com isso, queremos dizer que muito do apoio dos brasileiros ao desastroso cenário político produzido pelo atual governo, advém de uma certa identificação com o perfil do atual presidente. Bolsonaro é sobretudo sádico, e o infeliz cenário de uma pandemia em meio a seu governo foi um meio ideal para que ele, mas não só ele, pudesse expressar todo o ressentimento e sadismo que habitam seu psiquismo, levando milhares a um processo identificatório. Como um sádico, Bolsonaro se satisfaz em destruir o que foi construído democraticamente, tudo aquilo que foi coletivamente erguido. Para ele, o Brasil ainda pertence ao colonizador e, como tal, buscar a partir da destruição do que está aí para que o “novo” nasça. Em outras palavras, Bolsonaro tenta com todas as forças retirar o país das mãos dos colonos, os verdadeiros “donos” da terra, os brasileiros que têm o Brasil verdadeiramente como sua nação.

Não é incomum encontrarmos termos psicanalíticos¹⁴ na obra freyriana - sem considerar suas dimensões patológicas - preferindo as explicações sociológicas, econômicas e sexuais às explicações psicanalíticas em sentido duro do termo. Podemos dizer que Freyre, em certo sentido, assaltou Freud, levando-lhe os termos, mas deixando-lhe o conteúdo analítico. Freyre era audaz, não se sentia constrangido em roubar uma “boa forma” quando os termos lhe pareciam bem, e em troca revendê-los recheados de novos conteúdos.

4. A paisagem social brasileira contemporânea

Em *Casa-Grande & Senzala* (1933), Freyre descreve como eram compostos os espaços privados e públicos¹⁵ na sociedade essencialmente rural, onde a casa-grande, moradia da família patriarcal, era o ambiente de poder da classe dominante; e a senzala, o ambiente exclusivo dos escravos simbolicamente renegada e impura para o convívio social.

Já em *Sobrados & Mucambos* (1936), Freyre mostra como a decadência da organização social do patriarcado, acelerada pela crescente urbanização, deslocou as famílias patriarcais para os sobrados urbanos. Estes, igualmente às casas-grandes, eram a moradia dos poucos que tinham privilégios sociais; e os mucambos, a morada da população que não detinha capital e prestígio social.

Comparativamente, podemos observar que o modelo de desenvolvimento social descrito por Freyre ainda predomina nas cidades brasileiras, especialmente nas capitais: não mais as casas-grandes e as senzalas nem os sobrados e os mucambos, mas sim os condomínios fechados¹⁶ e as favelas. A paisagem social brasileira foi historicamente concebida a partir dos mesmos mecanismos citados por Freyre: o centralismo, a domesticidade e o privatismo. Essa tríade é ainda central na sociedade brasileira.

Mais uma vez regatamos a ideia de desamparo em Freud para desdobrarmos nossa argumentação. Como já apontado por Leitão (2009), a situação de desamparo se põe como causa da razão de a cidade se mostrar tão ameaçadora, muito possivelmente é contra esse desamparo inconsciente, arquetípico, que surge a necessidade de criar um órgão protetor, não apenas em sentido material, mas sobretudo em sentido psíquico. Nesse sentido, a cidade e, em especial, a casa, tornam-se elementos da expressão de maturidade da civilização e caracterizam-se como o modo de viver essencialmente humano.

A casa é onde a sociedade permanece viva no seu menor núcleo de existência, é na casa que as hierarquias, os antagonismos e os modos de vida social primeiramente se manifestam. Sem dúvidas, ela foi e continua sendo uma das maiores influências na

14 Como, por exemplo, “libido”, “obsessão”, “sadismo”, “masoquismo”, “perversão” e “complexo”.

15 Aqui a expressão “espaço público” é compreendida em seu sentido urbanístico, referindo-se, portanto, à rua, à praça, ao pátio, etc., considerados como ambientes físicos, ainda que definidos socialmente, e não no sentido mais amplo que a expressão adquire quando tratada por disciplinas cujo estatuto epistemológico as diferencia do urbanismo. Tal percepção tem por base a compreensão teórico-metodológica de Leitão (2009), e Merlin & Choay (2000).

16 Desde o começo dos anos de 1970, o mercado imobiliário se expandiu com a multiplicação de condomínios fechados, como o Alphaville, originário em São Paulo, mas que atualmente tem empreendimentos por todo o Brasil.

formação do psiquismo do povo brasileiro. A partir de seus cômodos e interiores, seus costumes e os valores que impõe, é na casa brasileira que se encontram as diferenças, mas também as harmonias e as continuidades. Como uma espécie de laboratório social, a casa brasileira foi um celeiro de material empírico para Freyre. “A fisionomia da nossa cultura”, como ele a chamava, contemporaneamente ainda reflete a subjetividade constituinte da paisagem social brasileira.

Isso aparece muito claramente em *Sobrados e Mucambos* (1936), quando Freyre descreve as transformações urbanas, mas enfatiza as continuidades simbólicas e de relações sociais que acompanhavam essas mudanças da paisagem. Com vivacidade, Freyre demonstra que:

Quando a paisagem social começou a se alterar entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quase a quartos de criado, as moças namorando das janelas para a rua, as aldeias de mucambos, os ‘quartos’, os cortiços crescendo ao lado dos sobrados, mas quase sem se comunicarem com eles, (...) aquela acomodação quebrou-se e novas relações de subordinação, novas distâncias sociais, começaram a desenvolver-se entre o rico e o pobre, entre o branco e a gente de cor, entre a casa-grande e a casa-pequena. (...) Maiores antagonismos entre dominadores e dominados. (FREYRE, 2006, p. 31).

Em *Quando o ambiente é hostil*, Lúcia Leitão (2009), à luz de *Sobrados & Mucambos*, lança mão da ideia de que o modo como a sociedade brasileira se desenvolveu produziu dinâmicas e ambientes urbanos de exclusão e hostilidade, tanto em sentido espacial como em sentido psíquico. Essa concepção decorre justamente de a “paisagem social brasileira” ser concebida em torno do espaço privado, representado pela casa em oposição ao espaço público (a rua).

O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1987), inspirando-se também em Freyre, observou em sentido sociológico que a relação dicotômica entre a casa e a rua ainda se mostra presente na constituição da sociedade brasileira. As observações de DaMatta centram-se basicamente numa análise sociológica, e apontam para as possíveis consequências dessa dicotomia no comportamento cotidiano dos brasileiros. Leitão (2009) avança nessa análise e aponta para o caráter psíquico da sociedade brasileira, argumentando que a origem da organização social brasileira estaria justamente assentada na oposição subjetiva entre a casa e rua, ou seja, entre a preferência do privado em detrimento do público, como resposta à uma demanda psíquica originária. A consequência dessa oposição psíquica, se assim podemos chamar, consiste no modo de como as cidades brasileiras foram desenvolvidas, a partir da casa como um espaço privilegiado e a rua como um espaço inferior. É nessa característica essencialmente brasileira, ou *brasileirinha da silva* como define Leitão (2009), que a paisagem social contemporânea está assentada.

A constituição simbólica das antigas casas-grandes e dos sobrados urbanos partiam da exclusão do ambiente exterior qualificado como impuro e sem prestígio. Com a decadência do patriarcado rural e a crescente urbanização, os sobrados substituíram as casas-grandes. Comparativamente, é possível perceber uma continuidade simbólica.

Contemporaneamente, encontramos nos condomínios fechados a manifestação da mesma lógica que concebeu as casas-grandes e os sobrados. Os condomínios de prédios ou casas têm dominado o mercado imobiliário brasileiro. A ascensão desse tipo de moradia se deve em grande parte pelo fenômeno da violência nos grandes centros urbanos. Mas não seria o aumento da violência urbana também mais uma consequência do modo brasileiro de conceber os espaços edificados?

A paisagem social brasileira decorre da legitimação do espaço privado em detrimento do espaço público. Nas casas-grandes, como já destacou Leitão (2009), havia uma valorização do espaço privado, as plantas baixas dos sobrados brasileiros privilegiam o interior da habitação, onde apenas a sala de visitas seria caracterizada como um espaço aberto de interação com o público. Nesse sentido, torna-se hegemônica a ideia que a vida da casa deve preservada e afastada da rua. Mais que isso, essa separação é resultado de uma ordem social e subjetiva, à qual ainda é central na arquitetura das cidades.

Na sociedade brasileira, os usos dos espaços privados se dão de forma exclusiva e excludente, como é o caso dos condomínios fechados do Brasil, são espaços que se fecham contra a rua. Os valores compartilhados nesses espaços, em grande parte, continuam os mesmos que eram compartilhados nos primeiros sobrados urbanos, onde a rua era qualificada como violenta, feia, suja e pouco valorizada, ou seja, um ambiente hostil¹⁷.

5. Considerações finais ou porque, ainda, Freyre e Freud

A ação humana de habitar foi uma das molas propulsoras para que nossa espécie se desenvolvesse como uma espécie social. Como consequência, as sociedades foram criadas, juntamente com as relações de poder, as relações econômicas e políticas, e, claro, as desigualdades, opressões e violências, as quais se transformaram em meios de dominação.

Este ensaio buscou ampliar a compreensão da “paisagem social brasileira” em sentido socioantropológico e subjetivo. Como resposta às nossas inquietações iniciais, chegamos ao entendimento de que para além de qualquer ocupação urbana existem condicionantes psíquicos e subjetivos que definem tendências e constituem novas dinâmicas socioespaciais.

No Brasil, os mecanismos de construir e perceber a realidade pouco mudaram, conforme vimos aqui. A atual “paisagem social brasileira”, como a apresentamos, é consequência de estruturas fundantes da psique dos brasileiros. De tal modo, os “condomínios fechados” e as “favelas” que compõem predominantemente a paisagem social brasileira contemporânea, são decorrentes de um modo histórico de conceber

¹⁷ Em sentido urbanístico, o desprestígio da rua advém dos seus usos iniciais, os quais, de certo modo, permanecem até hoje, gerando violências, hostilidades e o mau uso dos espaços públicos. As consequências urbanísticas desse mau uso, entre outras coisas, está o desperdício dos equipamentos urbanos e o crescimento exponencial dos espaços privados como os condomínios e os shopping center.

simbolicamente os espaços públicos e privados, eles são consequências de um modo de ser. Geração após geração, o Brasil tornou-se uma sociedade obrigada a conviver com o centralismo, a domesticidade e o privatismo dos espaços e das coisas públicas.

Freyre pensou a casa, Freud pensou o inconsciente. Freyre foi um sociólogo da microsociologia, Freud um médico interessado nas particularidades da mente humana. Freyre e Freud, cada qual a sua maneira, já haviam destacado que os estilos ou os modos de vida social e o desenvolvimento do espaço urbano refletem os valores, desejos e crenças tanto individuais quanto coletivas. Exemplos históricos disso são as construções na Alemanha nazista, o Egito antigo ou, até mesmo, a própria construção de Brasília.

Assim, consideramos que propor uma reflexão sobre os modos de agir e de conviver em sociedade, foi um exercício de compreensão da realidade que nos rodeia, e da qual fazemos parte. Como todos nós, Freyre e Freud não escaparam à cultura patriarcal dominante de seus tempos. Entretanto, ambos realizaram o que muitos dos cientistas sociais não conseguem fazer, que é perguntar como e por que alguma coisa que existe passou a existir da maneira como é.

Muitas vezes, a teoria psicanalítica de Freud e a perspectiva interpretativa do Brasil proposta por Freyre, podem soar reducionistas, mas com certeza elas não deixam de sugerir caminhos analíticos para explicar as relações entre indivíduo e sociedade, entre o particular e o universal, entre a agência e a estrutura. Aonde chegamos com tudo isso? Que relevância uma análise (quase) psicanalítica da sociedade brasileira tem para a teoria social?

Poderíamos dizer que as implicações da ideia de uma psique humana, ou mesmo de um “eu” coletivo na vida social já seria o bastante. Diante do que expomos aqui, acreditamos que o papel que a psique desempenha na vida social pode ser observada por qualquer pessoa que acompanhe os acontecimentos sociais e políticos de seu país. Mas isto é apenas a ponta de um grande iceberg.

Referências

- BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CALLIGARIS, Contardo. *Hello, Brasil! e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira*. São Paulo, Três Estrelas, 2017.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006,
- FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: _____. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 6, Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006.
- LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos*. Recife: Editora da UFPE, 2009.
- LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2014.
- MERLIN, Pierre.; CHOAY, Françoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: Puf, 2000.
- MITSCHERLICH, Alexander. *Psychanalyse et urbanisme: réponse aux planificateurs*. Paris: Gallimard, 1970.